

O analfabetismo funcional e a competitividade: Um estudo com alunos ingressantes do curso de Administração das Faculdades Integradas Urubupungá.

Suellen Moreira de Oliveira

Fabiano Nagamatsu

Márcio Fedichina

Resumo

Baseado em questões de educação: teoria-prática e ensino-aprendizagem que, esse artigo delimita seus parâmetros frente ao tema: O analfabetismo funcional e a competitividade: Um estudo com alunos ingressantes do curso de Administração das Faculdades Integradas Urubupungá (FIU) – Pereira Barreto/SP. Dessa maneira, tem como objetivo principal um perfil do analfabetismo funcional dos alunos ingressantes do ensino superior, especificamente do curso de administração das FIU. Para tanto, foram entrevistados 23 alunos ingressantes no curso de Administração da FIU – Faculdades Integradas Urubupungá.

Palavras-chaves: Analfabetismo Funcional. Medição. Habilidade.

1 Introdução

Atualmente, a globalização e a competitividade entre as empresas ficaram mais acirradas, em função das inovações ocorridas diariamente (mudanças demográficas, sociais, econômicas e culturais) e com o avanço da tecnologia e da informação. Desta maneira, a empresa que não acompanha essas inovações cotidianas irá, sem dúvida, perder seu espaço nesse mundo globalizado.

O analfabeto funcional é aquela pessoa que sabe ler e escrever, mas tem uma grande dificuldade de entender o que foi lido. Segundo Moreira (2004), 74 % das pessoas teoricamente alfabetizadas, não compreendem o que lêem e 26 % sabem o que estão lendo, desta maneira o analfabetismo funcional se traduz em uma perda equivalente a seis bilhões por ano.

Como se pode ver um exemplo proposto por Nakasato (2001), ocorre em uma empresa de montadora em São Bernardo do Campo, Estado de São Paulo, na qual simples manuais de instruções de equipamentos ou comunicados do departamento de Recursos Humanos tornam-se enigmas indecifráveis para 78,5% dos funcionários de um setor da produção.

Os analfabetos funcionais são aquelas pessoas que sabem ler e escrever, contudo faltam-lhes a habilidade de interpretação. As empresas estão se modernizando por meio de tecnologias para continuarem neste mercado de alta competitividade. Neste contexto, o analfabetismo funcional é visto pela sociedade empresarial e pelos próprios educadores, como um risco às empresas.

Dessa maneira, o índice de analfabetismo funcional mostra como o ensino nas escolas e universidades é importante, mas para isso, tem que haver um comprometimento dos envolvidos no processo educacional.

Nota-se que o analfabetismo funcional tornou-se um risco para as empresas no que

tange ao desempenho das suas atividades, tanto operacional como estratégicas. Assim, ao contratar um funcionário as empresas estão utilizando diversas ferramentas para avaliar a capacidade de interpretação dos candidatos.

Assim, baseado em questões de educação: teoria-prática e ensino-aprendizagem que, esse artigo delimita seus parâmetros frente ao tema: *O analfabetismo funcional e a competitividade: Um estudo com alunos ingressantes do curso de Administração das Faculdades Integradas Urubupungá (FIU) – Pereira Barreto/SP.*

2 Objetivos

2.1 Geral

Traçar um perfil do analfabetismo funcional dos alunos ingressantes do ensino superior, especificamente do curso de administração das FIU – Faculdades Integradas Urubupungá – Pereira Barreto/SP.

2.2 Específicos

- Identificar o perfil sócio-econômico dos alunos;
- Identificar a origem escolar dos alunos;
- Identificar o grau de entendimento dos alunos em relação aos principais quesitos que serão pesquisados, como sexo dos entrevistados, estado civil, cidade, quantas vezes repetiu de série, frequência de leitura, entre outros.

3 Revisão da Literatura

3.1 O que é analfabetismo

O analfabetismo é o desconhecimento do alfabeto, isto é, não tem capacidade de escrever nem tampouco ler. Uma pessoa funcionalmente analfabeta é aquela que não pode participar de todas as tarefas nas quais a alfabetização é imposta para uma atuação positiva em seu círculo de relacionamentos.

Assim Moreira (2000) complementa afirmando:

O problema do analfabetismo tem sido visto como uma seara governamental, mas essa visão tende a se modificar rapidamente. Cada vez mais, as empresas conscientizam-se da necessidade de agir e cooperar com sistemas educacionais de seus ambientes próprios, de forma que possa, por meio desta postura pro – ativa, obter mão-de-obra de melhor qualidade. As empresas passam, pois, a se preocupar em prover um sortimento de mão-de-obra com a qualificação mínima necessária, de forma a manter ou apoiar aumentos de produtividade e competitividade.

3.2 O que é analfabetismo funcional

Uma pessoa que não sabe ler e interpretar um simples aviso de cuidado, instruções de segurança no trabalho ou até mesmo um manual para operar uma máquina se torna um risco para trabalhar em uma empresa.

O analfabetismo funcional surgiu nos Estados Unidos em 1985, mas só ganhou popularidade em 1992, onde foram realizadas uma pesquisa chamada “Young Adult Literacy Survey” com vinte e seis mil jovens. De acordo com Ribeiro (1997), o termo analfabetismo funcional surgiu na década de 30, utilizado pelo exército norte-americano na Segunda Guerra para as instruções escritas, necessárias para realização de tarefas militares.

Em seguida, o termo analfabetismo funcional passou a ser usado em tarefas internas de

organizações com o intuito de diferenciar os analfabetos daqueles que possuíam certas habilidades e competências para interpretação de situações.

O problema do analfabeto entende-se como a incapacidade absoluta de ler e escrever - costuma esconder um outro, tão ou mais perigoso, exatamente por passar despercebido em muitos estudantes. Trata-se daquilo que pode ser chamado de alfabetização imperfeita ou incompleta ou analfabetismo funcional.

Analfabetos funcionais são pessoas que ou são analfabetas no sentido tradicional ou pessoas que parecem ser alfabetizadas, porém não são. Estas cujo grau de alfabetização é insuficiente para que exerçam funções básicas na sociedade com constantes mudanças. Analfabetismo funcional é típico de pessoas que tem quatro anos ou menos de escolarização.

Na América Latina, a UNESCO ressalta que o processo de alfabetização só se consolida de fato para as pessoas que completaram a 4ª série. Entre aquelas que não concluíram esse ciclo de ensino, se tem verificado elevadas taxas de volta ao analfabetismo (Boletim, 1993).

Segundo Moreira (2004), o analfabetismo funcional existe em qualquer ambiente da sociedade, começando primeiro na infância (aptos e costumes), na educação formal e no trabalho.

Para Chall *apud* Moreira (2004), divide os adultos em três grupos buscando alfabetização, que são os seguintes: primeiro totalmente analfabetos que são os adultos com habilidades de leitura abaixo de 4º grau, impossibilitado de adquirir informações através de escritas. O segundo, analfabetismo funcional é aquelas pessoas que podem ler matérias escritas de nível entre 4º e 8º graus, com capacidade de desempenhar tarefas rotineiras ou não complicadas, mas falta habilidade básica para dar conta de viver bem em sociedades. E por fim, o terceiro, marginalmente alfabetizados que são pessoas que podem ler entre 8º e 12º graus, porém que falta equivalência do 12º grau, necessária para viver em uma sociedade complexa e tecnológica.

Desse modo, pode-se perceber que vai de cada um para melhorar o ensino no Brasil e no mundo, pois universitários e até mesmo os alunos de primeiro grau têm que cobrar de seus professores o melhor para serem o destaque no futuro de suas carreiras como profissionais.

Segundo União (2002), o analfabeto funcional também tem dificuldade em cumprir as tarefas rotineiras na vida pessoal como, por exemplo:

- ler uma história para alguém;
- ler e interpretar jornais ou revistas;
- ler bulas de remédios ou ingredientes de embalagens;
- ler instruções de segurança;
- consultar um cardápio.

3.2.1 O analfabetismo funcional no Brasil

De acordo com Botelho (2007), um índice de 70% da população brasileira sofre com o analfabetismo funcional e se analisar, no mundo inteiro cerca de 800 a 900 milhões de pessoas tem essa deficiência que leva prejuízo para o mercado de trabalho, pois para uma pessoa ler e não entender o que foi lido se torna um risco para o comando de uma empresa. Nesse alto índice se encontram como analfabetos funcionais os funcionários, universitários e até mesmo os donos de empresas.

Em 2002, o Brasil apresentava um total de 32,1 milhões de analfabetos funcionais, o que representava 19,6% da população de 5 anos ou mais de idade, como apresentado no

quadro a seguir:

Analfabetismo funcional em % – pessoas de 5 anos de idade ou mais.		
Região	1992	2002
Norte	36,9	26,0
Nordeste	55,2	40,8
Sudeste	29,4	19,6
Sul	28,9	19,7
Centro-Oeste	33,8	23,8
Brasil	36,9	19,6

Fonte: Adaptado de IBGE, 2002.

Tabela 1: Taxa de analfabetismo funcional no Brasil.

Embora apresente uma queda no percentual de analfabetos funcionais em um intervalo de 10 anos, a educação brasileira ainda está distante da realidade vivida por países onde a educação está na lista de prioridades para investimento. Ainda na análise da tabela 1, pode-se observar que há índice considerável de analfabetismo funcional no período de 2002. Para diminuir esse índice é necessário desenvolver projetos como foi feito na parceria da Fundação Roberto Marinho, Vale do Rio Doce e o Ministério da Educação. Juntas desenvolveram o Projeto “Tecendo o Saber” que contribuiu para o aprimoramento da educação de 20.000 alunos em oito estados brasileiros. Este projeto teve o intuito de ensinar os alunos da rede pública por meio de livros e vídeos, tornando assim, o aprendizado mais eficiente. (GLOBO, 2005).

Moreira (2004) relata que foi desenvolvida uma organização de pesquisa e estudos, com sede na cidade de São Paulo, e que opera com apoio de instituições ligadas a igreja católica vinculada a um projeto Latino – Americano, que supostamente abordava um tema em uma perspectiva comparativa, reunindo dados de alguns países da região. O projeto foi promovido e coordenado pela Orealc (Oficina Regional de Educación para América Latina y Caribe) órgão da Unesco, e envolveu sete países: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México, Paraguai e Venezuela. No Brasil, a pesquisa foi feita apenas na cidade de São Paulo, nos demais países, com a população jovem e adulta das capitais.

Como nos outros países pesquisados, a avaliação no Brasil consistiu em uma tentativa de ir além de umas concepções acadêmicas de alfabetização, que a limita ao desempenho de tarefas tipicamente escolares. Na fase final do projeto Ação Educativa *apud* Moreira (2000), faz referência ao antigo conceito de alfabetização da Unesco de 1958, que a definia como sendo a capacidade de tanto ler como escrever um pequeno enunciado pertencente ao seu ambiente do dia-a-dia.

Já segundo MONTENEGRO (2003), que fez uma pesquisa com 2 mil pessoas em todo o país, constatou que apenas 25% dos brasileiros tem domínio pleno da leitura e da escrita, 8% são analfabetos e 67% não dominam plenamente a leitura e a escrita, isso ocorre devido a mal formação e despreparo dos professores. É preciso investir na educação, fazendo com que os professores tenham condições de aprimorar seus conhecimentos através de cursos e livros qualificados, para que os professores se sintam mais preparados na hora de transmitir a matéria e lidar com os alunos.

O número de analfabetos absolutos - segundo o Censo IBGE de 2000 – é de 25.653.751, principalmente concentrados na Região Nordeste, onde esse problema chega atingir até 29% da população, e no Norte, em segundo lugar, com 22%. (UNIÃO, 2002).

Dados do IBGE apresentam que os países de língua portuguesa têm os maiores índices

de analfabetismo funcional devido aos anos de guerra civil, pobreza e falta de investimentos dos governantes. Dentre os países de língua portuguesa, foram citados o Brasil, Moçambique, o arquipélago de Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, duas ilhas do Golfo da Guiné, Guiné-Bissau e a pequena ilha de Timor-Leste, onde na maioria desses países o analfabetismo funcional chega a mais de 40%. (ASSOCIAÇÃO, 2007).

3.2.2 O Analfabetismo funcional no Exterior

O analfabetismo funcional é um fenômeno amplo, ou seja, abrange todos os países, principalmente os países subdesenvolvidos. Esse fato pode ser comprovado pelo aumento da quantidade de analfabetos, pois o ritmo de crescimento demográfico ultrapassou o desenvolvimento do acesso à educação. Durante os anos 90, estimou 875 milhões de analfabetos no mundo, este número já era preocupante desde os tempos passados, e mesmo que haja esforços esse índice ainda será de 830 milhões no ano de 2010. (Matsuura *apud* Costa, 2002).

De acordo com o RELATÓRIO (1998), os países desenvolvidos também estão sofrendo com a pobreza e o analfabetismo funcional. Embora a taxa de analfabetos seja bem menor que a dos países subdesenvolvidos, a expectativa dos empresários em relação à qualidade da educação dos funcionários está baixa, devido ao desempenho que essas pessoas apresentam nas empresas.

3.3 Desvantagens do Analfabetismo funcional

Segundo Coelho (2007), a educação é fundamental para que todo cidadão tenha dignidade, e oportunidades na vida. Apenas o conhecimento já é importante para uma pessoa que tenha sonhos e força de vontade, poder procurar seu espaço e obter melhor condição de vida. Entretanto, com educação eficiente, só aumenta na sociedade o desemprego, violência, exclusão social, econômica, pobreza, analfabetismo funcional, e cada vez mais aumentando a desigualdade social.

Uma das principais desvantagens do analfabetismo funcional ocorre na busca de um emprego, pois o mercado em geral, está à procura de profissionais cada vez mais competentes e habilidosos para administração de uma organização. A escassez de treinamento é o grande fator que gera o analfabetismo funcional e conseqüentemente desvantagens no âmbito organizacional.

Para que uma nação torne-se um país de primeiro mundo, isto é, desenvolvido, é necessário que o governo invista na educação, de maneira que, os estudantes sintam prazer na busca de novos conhecimentos, principalmente pela leitura.

3.4 Tipos de medição do analfabetismo funcional

Segundo Moreira (2004), no capítulo 2 de seu livro “O Analfabetismo funcional - o Mal nosso de cada dia”, apresenta que o analfabetismo funcional está espalhado por diversos países. Não há dúvida de que os Estados Unidos foi o primeiro país a iniciar medições de leitura para adultos, já durante a primeira guerra mundial. Originalmente, a preocupação nasceu dentro do setor militar norte-americano. Os primeiros testes de leitura foram introduzidos por psicólogos das forças armadas dos Estados Unidos em 1917.

Nessa época, foram desenvolvidos dois testes, um chamado Army Alpha para adultos alfabetizados e o Army Beta para poucos alfabetizados, considerados assim os adultos com até 6 anos de educação formal. Ambos os testes supunham que a inteligência era um traço herdado. Assim, essas medidas foram usadas pelas forças armadas na segunda guerra mundial para selecionar recrutas.

Ribeiro (2001) descreve a situação brasileira em relação a três estratégias de medição de analfabetismo: os censos populacionais, as avaliações dos sistemas de ensino e os estudos por amostragem.

- O censo populacional: É a peça que determina os procedimentos populacionais. Trata-se de como cuidar da população e do ambiente onde vive e o de trabalhar. - As avaliações de sistemas de ensino: Um exemplo clássico são os recém-formados que não têm muita experiência, não tem um objetivo definido, com isso, seu futuro fica vulnerável, pois o medo de não atender as expectativas esperadas pelo mercado, gera uma barreira profissional. - Estudos por amostragem: Consiste em um determinado estudo de elementos retirados de uma população que se deseja conhecer detalhadamente, podendo ser feito de vários modos, como, por exemplo, amostragem aleatória simples que é onde cada elemento da população tem igual probabilidade de ser escolhido para amostra; amostragem sistemática, onde depois de ordenada a população seleciona-se a amostra probabilística e por fim, a amostragem por estágio que consiste em múltiplos que envolvem uma amostra aleatória em cada um dos seus estágios.

3.4.1 O analfabetismo no texto em prosa

É um tipo de desconhecimento de habilidades que o indivíduo possui para entender informações escritas, como, por exemplo, textos expositivos, narrativos: jornais, livros, revistas, cartas e ficções. O texto em prosa expositiva é a matéria que possui uma extensa leitura que dificulta o entendimento da pessoa que não consegue interpretar o que esta lendo, prejudicando o seu dia a dia no trabalho. Assim, faz-se necessário ler e interpretar em certas ocasiões necessárias para o desenvolvimento da atividade exercida.

A prosa narrativa não é tão usada no dia-a-dia principalmente na área escolar. O texto em prosa para uma pessoa alfabetizada ser facilmente explicado e até mesmo retirar partes importantes que pode simplesmente ser resumido em um simples parágrafo, retirar informações importantes de jornais que irá ajudar no seu trabalho e no seu conhecimento, ou até mesmo escrever outro tipo de texto relacionado com o que ele leu recentemente lhe dando uma facilidade para obter informações mais rápidas e exatas.

3.4.2 O analfabetismo no texto esquemático

São dificuldades na interpretação de informações que se encontram em formulários de emprego, formulários de pagamento, hora de chegada e partida de transporte, mapas, tabelas e gráficos. O texto esquemático tem diferença do texto em prosa em relação a sua estrutura, pois consiste de informações quantitativas, em conjuntos com uma difícil resolução, que são em formas de linhas e colunas, formando tabelas e formulários de dados.

Uma pessoa alfabetizada em texto esquemática pode facilmente encontrar informações em um texto quantas vezes for preciso, assim integrando informações de outros textos com a finalidade de fazer um só, visto que tem uma capacidade de usar um mapa de ruas ou estradas para sua veiculação em qualquer cidade ou usar uma tabela de horários para saber qual é o ônibus certo a ser tomado e até mesmo certeza para entrar com informações corretas em um formulário de empregos.

3.4.3 O analfabetismo com informações numéricas

É a ausência de habilidade quando se refere a interpretações de informações com números. As informações numéricas podem estar relacionadas tanto ao texto em prosa e ao esquemático. Uma pessoa alfabetizada em relação ao texto numérico pode facilmente satisfazer suas próprias necessidades como preencher um cheque, fazer cálculos de juros, e administrar sua própria finanças. Os números estão em todos os lugares hoje em dia, se uma

pessoa não ter o pleno domínio sobre os números, pode facilmente ser trapaceada ou até por simplicidade da mesma fazer alguma conta errada que irá lhe acarretar em prejuízo.

4 Procedimentos Metodológicos

Tendo em vista o objetivo desse trabalho científico, foi realizada uma pesquisa contendo perguntas abertas e fechadas, do tipo levantamento amostral com alunos ingressantes dos primeiros anos de Administração das Faculdades Integradas Urubupungá (FIU). De acordo com Gil (2002), o trabalho de campo elaborado por meio de uma pesquisa exploratória não probabilística, tem como objetivo principal proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições.

A amostra de 23 alunos foi estabelecida por critérios de 50% do total e escolha aleatoriamente dos alunos primeiros anistas do curso de Administração das FIU.

Torna-se importante ressaltar que, neste trabalho, o enfoque que se aplicará em 50 alunos do curso de Administração, possui limitações, pois ele procura evidenciar as análises conceituais e práticas do nível de preparo dos alunos em relação a esse assunto. Esta constatação, entretanto, não invalida a sua relevância e a sua abrangência para a contribuição, ainda que limitada, do enriquecimento do assunto.

A coleta dos dados será realizada por meio das seguintes etapas:

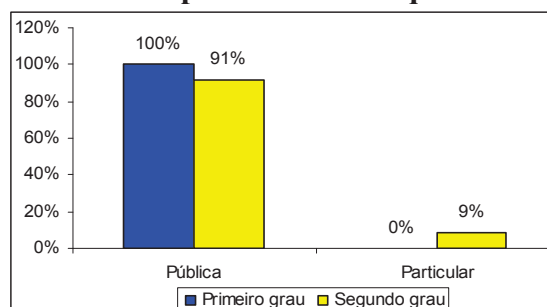
- Pesquisa Bibliográfica: Para Cervo e Bervian (1996), a pesquisa bibliográfica constitui parte da pesquisa descritiva ou experimental, quando é feita com o intuito de recolher informações e conhecimentos prévios acerca de um problema para o que se procura resposta ou acerca de uma hipótese que se quer experimentar.
- Pesquisa de caráter exploratório: Que será realizada por meio do seguinte instrumento de coleta de dados: Questionário, aplicado em 23 alunos do curso de Administração, contendo questões que envolverão a análise e interpretação dos alunos para definirem as respostas.

5 Resultados da Pesquisa

A análise dos resultados propiciou uma maior compreensão da teoria do Analfabetismo Funcional e suas medições. Dessa maneira, os dados foram devidamente tabulados e reorganizados em duas dimensões: Perfil dos entrevistados e Correlações.

Dimensão: Perfil dos entrevistados

Gráfico1 – Tipo de escola em que estudou.

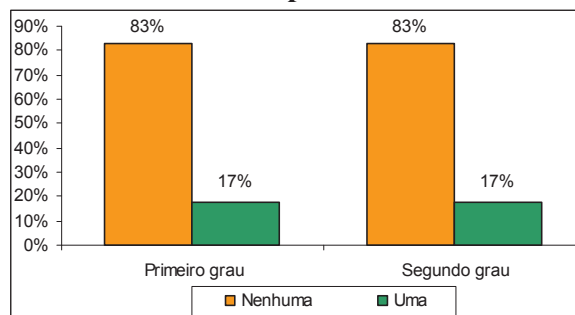


Fonte: Pesquisa de campo, 2007.

No gráfico 1, os indivíduos foram apresentados por natureza da escola: pública ou privada, em que estudaram o primeiro e o segundo grau. Observa-se que todos estudaram o primeiro grau em escolas públicas. Já no segundo grau, os valores percentuais não foram

muito diferentes, visto que, apenas 9% estudou em escola particular.

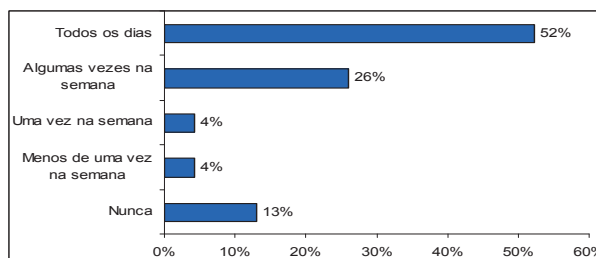
Gráfico 2 – Repetência de ano.



Fonte: Pesquisa de campo, 2007.

Como se pode notar, na questão de repetência de alguma série escolar, tanto no primeiro quanto no segundo grau, houve o mesmo percentual de entrevistados da amostragem que repetiu pelo menos uma vez (17%). Completando com os 83% que não repetiram nenhuma vez em nenhum dos dois graus escolares.

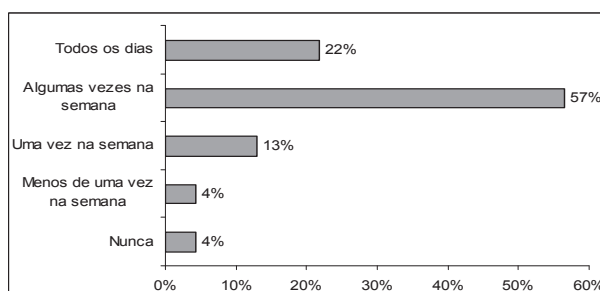
Gráfico 03 – Frequência de leitura no trabalho.



Fonte: Pesquisa de campo, 2007.

Focando nos objetivos da monografia, foi perguntada a frequência de leitura no trabalho do entrevistado. Do total, 52% responderam que lêem todos os dias, enquanto 26%, algumas vezes na semana e, em terceiro lugar, os que nunca lêem com 13%. Esse índice apresenta a deficiência no hábito da leitura dos alunos universitários, visto que uma porcentagem considerável (13%) afirmou que não têm o hábito de ler.

Gráfico 04 - Frequência de leitura na hora de folga.

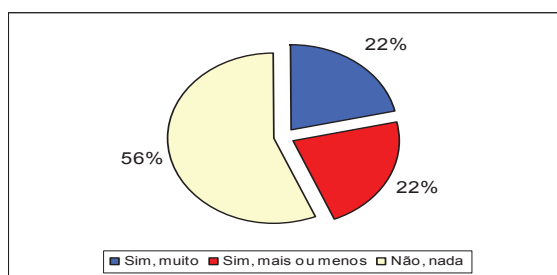


Fonte: Pesquisa de campo, 2007.

Na questão “Frequência de leitura na hora de folga”, representada pelo gráfico n.º 18 nota-se que mais da metade concentra-se na resposta “algumas vezes na semana” (57%), enquanto os que lêem todos os dias são 22% e os que lêem uma vez na semana, 13%. Outro indicador importante é o que nunca lê (4%), o que pode prejudicar na compreensão de fatos, devido a ausência do hábito da leitura, por não desenvolver o raciocínio.

Conforme assevera LAJOLO (1982, p. 53) “... o leitor maduro é aquele para quem cada leitura descola e altera o significado de tudo o que já leu, tornando mais profundo sua compreensão dos livros da vida”. Assim, é através da leitura que o leitor poderá compreender o texto lido”.

Gráfico 05 – Limitações de possibilidades de trabalho por falta de habilidade de leitura.



Fonte: Pesquisa de campo, 2007.

No gráfico n.º 05, 22% dos entrevistados afirmaram que a falta de habilidade de leitura limita muito as possibilidades de trabalho, enquanto o mesmo percentual (22%) indicou que há um limite nas possibilidades de trabalho, porém não é exerce tanta influência. E por fim, 56% dos alunos entrevistados falaram que a ausência de habilidade de leitura não atrapalha em nada na busca por um espaço no mercado de trabalho.

Tabela 2 – Esquema de acertos e erros dos exercícios propostos.

Grau	Certo/Errado	Texto em prosa	Texto esquemático	Texto numérico
<i>Fácil</i>	Certo	36	40	29
	Errado	10	6	17
	Total	46	46	46
<i>Médio</i>	Certo	62	55	22
	Errado	7	14	47
	Total	69	69	69
<i>Difícil</i>	Certo	35	21	16
	Errado	34	48	53
	Total	69	69	69
<i>Muito Difícil</i>	Certo	36	11	20
	Errado	33	35	49
	Total	69	46	69

Fonte: Pesquisa de campo, 2007.

A tabela 2 representa a quantidade de acertos e erros das questões, que estão subdivididas em texto em prosa, texto esquemático e texto numérico.

Os valores dos níveis estabelecidos após os resultados da pesquisa foram listados assim:

- questões de nível fácil = 105 acertos de 138, correspondendo 76,09%;
- questões de nível médio = 139 acertos de 207, correspondendo 67,15%;
- questões de nível difícil = 72 acertos de 207, correspondendo 34,78% e;
- questões de nível muito difícil = 67 acertos de 184, correspondendo 36,41%.

6 Considerações Finais

Nas questões de nível fácil os universitários não tiveram muita dificuldade em resolvê-las. As questões foram divididas em texto em prosa, texto esquemático e texto numérico. Nota-se que nas questões de texto numérico a compreensão e interpretação foi mais difícil, apresentando assim, uma deficiência nesse tipo de habilidade por parte dos universitários. Na “Questões de nível médio”, as questões de texto em prosa e texto esquemático obtiveram um número maior de acertos, enquanto as questões de texto numérico obtiveram números menores. Com isso, pode-se infringir que os alunos entrevistados têm uma maior dificuldade em resolver problemas que estejam relacionados números nas interpretações.

Quanto maior o grau de dificuldade menor o número de acertos nas questões, independente de sua classificação. Esse fato pode ser notado no gráfico acima, onde se verifica que as questões 22, 30, 24, 29, 32, 6, 15 e 17 têm os números de acertos inferiores aos de erros. Assim, nas “questões de nível muito difícil”, embora houve 22 acertos na questão nº. 3 (texto em prosa) e 14 acerto na questão nº. 21 (texto numérico), o resultado comprova que quanto maior o grau de dificuldade maior o número de erros nas questões de texto em prosa, esquemático e numérico. Percebe-se que as questões que contêm o maior número de erros são as questões com informações numéricas, nas quais os alunos deveriam utilizar conceitos matemáticos e estatísticos associados nos textos. Assim pode-se sugerir para o aprimoramento do assunto:

- Incentivar os alunos à busca de leitura contínua, - criar novos pontos de estudos estaduais, - desenvolver projetos de incentivo à leitura e pesquisas, - trabalhar questões de teoria-prática em sala de aula.

Referências Bibliográficas

BOLETIM, Projeto Principal de Educação - América Latina e el Caribe, 1993.

BOTELHO, P. **O Analfabetismo Funcional**. Disponível em: <http://www.guiarh.com.br/z3.htm>. Acessado: 18/09/2007. Website Guia RH, 2007. p.3.

CERVO, A. L. e BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. São Paulo: Makron Books, 1996.

COELHO, T. **Começando pelo quintal**. Disponível: <http://obsidiana.cidadeinternet.com.br/template.asp?grupo=5>. Acessado: 28/08/2007. Obsidiana, 2007.

COSTA, S. I. Medição do analfabetismo Funcional em alunos ingressantes do curso superior de Administração de empresas: um estudo exploratório. Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado – Dissertação de Mestrado, 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4^a ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GLOBO. J. **Combate ao analfabetismo**. Disponível: <http://jg.globo.com/jglobo/0,19125,v,tj0-2742-20050920-113087,00.html>. Acessado: 24/08/2007. Notícias, 2005.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. www.ibge.gov.br, 2002.

MONTENEGRO, P. **Analfabetismo Funcional: Apenas 25% dos brasileiros têm domínio pleno da leitura e da escrita.** Disponível: http://www.hikawa.com.br/apenas_25.htm. Acessado: 24/08/2007. Instituto Paulo org.br/clippings dia: 29/06/07

MOREIRA, D. A. **Analfabetismo funcional: Perspectivas e soluções.** Disponível em: http://www.fecap.br/adm_online/art14/daniel3.htm. Acessado: 18/09/2007. Administração Online – ISSN: 1517-7912. V. 1, nº.4 FECAP, 2000.

MOREIRA, D. A. **Analfabetismo funcional: Introdução ao problema.** Disponível em: http://www.ipm.org.br/ipmb_pagina.php?mpg=4.07.01.01.00&num=20&ver=por. Acessado: 19/09/2007. Mídiateca INAF, 2000.

MOREIRA, D. A. **Analfabetismo Funcional: O mal nosso de cada dia,** 2004.

NAKASATO, V. S. **Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional.** Instituto Paulo Monte Negro. São Paulo, 2001.

RIBEIRO, V. M. **Alfabetismo funcional: referencias conceituais e metodológicas para pesquisa.** Revista - Educação e sociedade nº60. Edição, 1997.

RELATÓRIO, D. H. **A pobreza no seio da abundância.** Disponível: www.pnud.org.br/hdr/hdr98/press/pobreza.htm. Tradução: Instituto da Cooperação Portuguesa. Editora Trinova. Acessado: 29/08/2007. Lisboa/Portugal, 1998.

RIBEIRO, V. M. **Questões em torno de construção de indicadores de analfabetismo e letramento.** Revista – Educação e pesquisa. São Paulo, v.27, n.2, p.283-300, jul./dez. 2001.

UNIÃO, Brasileira de Escritores. **Analfabetismo Funcional: Sínteses de estudos e pesquisas.** Disponível em: <http://www.brasilleitor.org.br/www/sintese.asp>. Acessado: 18/09/2007. Projeto Nação Leitora, 2002.